

Pré-escola é escola. Pré-escola não é escola.

□ POR ISABEL GALVÃO

Pré-escola é/não é escola traz o relato da experiência vivida por Maria Lucia A. Machado como coordenadora pedagógica numa pré-escola particular em São Paulo. Mediante a reflexão sobre a prática, a autora discute a função social da pré-escola e avalia questões ligadas ao pensar e ao fazer pedagógicos.

A Pré-Escola Dominó começou seu caminho no início dos anos 80. Ao longo desta década, foi intenso, entre os educadores preocupados com a educação de crianças de zero a seis anos, o debate para uma definição do papel da pré-escola. Superando as concepções que lhe atribuíam função assistencial ou compensatória, chegou-se ao consenso de atribuir à pré-escola papel pedagógico. Então, se a pré-escola deve exercer fun-

Maria Lucia A. Machado

PRÉ-ESCOLA É NÃO É ESCOLA

a busca de um caminho



ção educativa, pré-escola é escola. É o local pensado e estruturado para favorecer o desenvolvimento e ampliação de conhecimentos da criança. Situando-se nesta perspectiva, a autora adverte, no entanto, que tal declaração não está isenta de ambiguidades e indefinições, por isso a

frase sem pontuação: "Pré-escola é não é escola". E a escola particular? Como pode contribuir nesta busca de identidade de pré-escola? Maria Lucia Machado reivindica para a instituição particular o compromisso de produzir novos conhecimentos — desenvolvendo pesquisas, investindo na formação do professor e na construção de materiais — e socializá-los. Acrescenta a necessidade quantitativa da escola particular num país em que a omissão do poder público deixa grande parte da população excluída do processo de escolarização. Este relato, baseado na reflexão sobre a prática,

procura abordar o máximo de aspectos envolvidos na experiência — origens, objetivos, filosofia, metodologia, organização administrativa e empresarial, relações interpessoais. Neste gênero de reflexão, busca-se explicitar a teoria subjacente à prática, levando à ampliação do conhecimento teórico necessário ao aperfeiçoamento de seu exercício. Segundo Madalena Freire, autora do prefácio, esta é uma ferramenta básica para a formação do educador, porque "é na reflexão sobre a prática que o educador descobre a relação dialética entre prática e teoria".

O relato de experiência tem pontos em comum com a pesquisa do cotidiano escolar, metodologia de cunho etnográfico que ocupa espaço crescente no cenário da pesquisa educacional. Ambos se baseiam na análise do universo particular que, uma vez avaliado em profundidade, contribui para o entendimento de questões de natureza geral. Feito sob a ótica de personagem diretamente envolvida na situação, o relato de experiência traz, no en-

tanto, maior risco de excessiva particularização; é realmente difícil conseguir preservar o caráter único e concreto da experiência sem cair num relato "familiarizante". É isto que ocorre com o relato de Maria Lucia, em que o excesso de pormenores e o insistente emprego de nomes próprios, tanto da escola como dos profissionais envolvidos, produzem uma narrativa em tom demasiado familiar, o que pode causar desconforto ao leitor distanciado.

Um ponto de grande interesse é, sem dúvida, a descrição da rotina escolar. Dá cor ao relato e consistência às considerações anteriormente feitas sobre o projeto pedagógico e o papel do professor. É só conhecendo o dia-a-dia das crianças na escola que se pode avaliar até que ponto as intenções do discurso foram realmente incorporadas à prática. No caso desta escola, o que transparece é uma efetiva busca de coerência, sendo a rotina de cada grupo definida a partir dos princípios filosóficos e metodológicos que orientam o trabalho,

das características da faixa etária e dos interesses do grupo. É também de destacar, o que o livro propõe sobre a questão do currículo. Este é um ponto ainda bastante obscuro no debate sobre a pré-escola, não há consenso nem mesmo quanto à denominação e significado que se deve dar às disciplinas... ou serão áreas, matérias, eixos...? Na prática, cada rede de ensino e cada escola adota suas próprias soluções. A solução encontrada pela autora propõe a adequação do currículo ao desenvolvimento da criança, ao seu contexto sócio-cultural e aos objetos de conhecimento. As teorias de Piaget e de Vygotsky são as referências mais constantes no que concerne ao processo de desenvolvimento infantil. Este referencial justifica a inclusão de temas como autonomia, interações, regras, rotina e limites, a título de conteúdos curriculares. Ao contrário da tendência atual de priorizar a língua escrita como conteúdo, a proposta da autora a coloca em meio aos demais objetos de conhecimento: a matemática e outras formas de linguagem (verbal, plástica, corporal, musical, dramática).

A divulgação de uma experiência educativa, ao que tudo indica, bem-sucedida, dá pistas concretas de como se pode viabilizar a prática da pré-escola que se declara Escola, contribuindo para sua consolidação enquanto instituição educacional e para a superação do vazio muitas vezes deixado pela crítica feita à pré-escola tradicional.

Na mão de educadores, este livro pode se tornar interessante material para subsidiar aqueles que estão em busca de parâmetros para repensar a própria prática. Ademais, a aquisição de condutas propostas e ilustradas pelo livro, como o registro e a reflexão permanente sobre a prática pedagógica, já é, por si só, um importante passo rumo à melhoria da qualidade de ensino.

□ *Pré-escola é não é escola*, de Maria Lúcia A. Machado. Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1991. 167 páginas. Cr\$ 2.300,00.

